



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

NAYARA REZENDE SILVA AMORIM

PROFESSORAS LÉSBICAS NA EDUCAÇÃO: PESQUISAS E DEBATES
PRODUZIDOS NO CONTEXTO BRASILEIRO

MARIANA
2025

NAYARA REZENDE SILVA AMORIM

**PROFESSORAS LÉSBICAS NA EDUCAÇÃO: PESQUISAS E DEBATES
PRODUZIDOS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal
de Ouro Preto, como obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Dr. Marco Antonio Torres

Professor da disciplina: Dr. Erisvaldo Pereira
dos Santos.

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A524p Amorim, Nayara Rezende Silva.
Professoras lésbicas na educação [manuscrito]: pesquisas e debates produzidos no contexto brasileiro. / Nayara Rezende Silva Amorim. - 2025.
40 f.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Torres Torres.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Homofobia. 2. Professoras lésbicas. 3. Visibilidade - Lésbicas. I. Torres, Marco Antonio Torres. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.01/.09

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Nayara Rezende Silva Amorim

Professoras lésbicas na educação: pesquisas e debates produzidos no contexto brasileiro

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 31 de março de 2025.

Membros da banca

Dr. Marco Antonio Torres - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr. Marco Antonio Torres, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/06/2025



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antonio Torres, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/06/2025, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0933568** e o código CRC **144BED92**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.007753/2025-08
0933568

SEI nº

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP
35402-163 Telefone: (31)3557-9413 - www.ufop.br

RESUMO

O presente relatório trata de uma pesquisa que investigou a relação entre docência e lesbianidades no contexto brasileiro. Para isto, realizou um levantamento bibliográfico de pesquisas acadêmicas sobre a temática nos últimos 10 (dez) anos. A pesquisa também dialogou com o “Relatório da Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-ódio”, produzido em 2023, fruto de uma parceria da sociedade civil organizada e o poder público federal. Para a análise do material foram utilizadas a noção de análise de discurso, de Michel Foucault, e a noção de reconhecimento, de Judith Butler. Também foram investigadas nestas fontes de pesquisa a articulação de posições do feminismo lésbico, bem como a produção de análises da lesbofobia na área de pesquisa dedicada às questões de gênero. A pesquisa permitiu entendermos que a temática envolve disputas políticas nos contextos educacionais que apresentam especificidades nos modos de existência de professoras lésbicas, com destaque para a experiência dessas professoras em suas trajetórias de vida. Consideramos de grande importância a visibilidade lésbica nas lutas por reconhecimento que essas mulheres travam na sociedade e no contexto educacional, algo que tem sido estratégico no campo das políticas públicas de modo mais amplo. Por fim, podemos afirmar que a existência dessas professoras e sua visibilidade nas relações de poder da escola podem funcionar como elementos discursivos para o reconhecimento da legitimidade de pessoas lésbicas na educação, algo que nomeamos como docências lésbicas. Esta docência, além de produzir, nomeia e utiliza a noção de lesbofobia como meio para analisar a coação e violência de gênero no contexto educacional.

Palavras-chave: professoras lésbicas; heteronormatividade, lesbofobia, feminismo lésbico, visibilidade lésbica; docências lésbicas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Posicionamento das autorias sobre orientação sexual autodefinida.....	18
----------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 LESBIANIDADE E DOCÊNCIA EM PESQUISAS	9
2.1 Descrição dos artigos	11
2.2 Resumo de teses/dissertações	12
2.3 A produção intelectual: reconhecimento das autorias lésbicas	17
3 O FEMINISMO LÉSBICO NAS PESQUISAS SOBRE LESBIANIDADE E DOCÊNCIA	20
3.1 Lesbofobia nas escolas e suas manifestações no cotidiano escolar	22
3.2 Lesbianidade e docências lésbicas	26
4 CONCLUSÕES	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
ANEXO 1	36

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral da presente pesquisa foi analisar as produções acadêmicas e do movimento lésbico existentes sobre professoras lésbicas no Brasil. A presente pesquisa faz parte de um projeto mais amplo denominado *Gênero e Sexualidades nos Contextos Educacionais*, iniciado em 2018 e conduzido pelo Prof. Marco Antonio Torres, um dos orientadores da pesquisa atual. Este projeto mais amplo e o que aqui relatamos têm explorado as complexas interações entre gênero, sexualidade e a formação de indivíduos em ambientes educacionais. A pesquisa adota uma abordagem que valoriza os conhecimentos e práticas dos participantes, utilizando diversas metodologias como revisão bibliográfica, estudos etnográficos e autoetnográficos, análise de documentos, entrevistas e narrativas. O foco principal é investigar como os contextos educacionais podem facilitar ou dificultar a existência de pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras.)¹, com plenos direitos.

A pergunta central do presente trabalho foi sobre as nuances específicas do reconhecimento de professoras lésbicas na educação, principalmente considerando os pontos relacionados a seguir. a) A invisibilização histórica das lesbianidades dentro do movimento LGBTQIA+. b) A importância do desenvolvimento de uma gramática sobre a noção de lesbianidade e lesbofobia no contexto educacional. c) As pesquisas sobre as professoras lésbicas, principalmente considerando ser o lugar da docência um eixo de relações por onde se pode analisar questões emergentes das lesbianidades na atualidade. d) Como tem emergido o debate sobre pesquisas que abordem a lesbianidade e docência no campo da pesquisa educacional.

Para isto, havíamos planejado percorrer os seguintes objetivos específicos. 1) Produzir dois *corpora* de pesquisa compostos dos seguintes itens: 1.1) artigos acadêmicos, dissertações e teses produzidos no Brasil entre os anos de 2012 e 2022 sobre professoras lésbicas; 1.2) textos e/ou materiais disponibilizados em sites como o da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL, s/d), e congêneres, para a análise da formulação da noção de lesbianidade e lesbofobia. b) Investigar e delimitar o uso do conceito de lesbianidade e lesbofobia nas pesquisas encontradas. c) Analisar a presença de produções de pesquisadoras lésbicas a partir do *corpus* de pesquisa. d) Pesquisar as relações entre feminismo lésbico e suas análises sobre a educação. Devido aos

¹ Esta sigla tem sido grafada de diversos modos no tempo e nos contextos sociais. Optamos por esta grafia a partir do DECRETO Nº 11.471, DE 6 DE ABRIL DE 2023, da presidência da República do Brasil, que reativou o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+.

processos de pesquisa, o primeiro *corpus* ganhou mais consistência analítica e o segundo foi apenas tangenciado até o momento.

Nosso interesse de pesquisa se justifica no âmbito de uma educação atenta aos direitos à educação que assiste às pessoas LGBTQIA+. Para uma educação inclusiva, é preciso que todas as pessoas produzidas pelos marcadores sociais da diferença desfrutem das oportunidades educacionais de modo igualitário e equitativo. Tais condições fazem parte dos ideários de Direitos Humanos, orientados pela democracia participativa, que pautam a educação brasileira. Deste modo, pesquisas que analisem a docência a partir da lesbianidade, como um destes marcadores sociais da diferença, podem orientar políticas públicas e normativas necessárias para o enfrentamento de quaisquer preconceitos, no caso da pesquisa proposta, de modo específico ao dispositivo da lesbofobia. Conforme o “Relatório da Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-ódio” (Brasil, 2023b), existe uma baixíssima visibilidade das questões relacionadas às mulheres lésbicas. Este relatório foi produzido no âmbito da Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, em articulação com a Liga Brasileira de Lésbicas e outros grupos.

O relatório também insere a educação como eixo estratégico, propondo pautas prioritárias como o reconhecimento social dessas pessoas, bem como a identificação daquilo que precariza suas vidas. A lesbofobia certamente atua como fator de sofrimento mental, discriminação negativa e precarização da vida de professoras lésbicas. Conforme pesquisas têm mostrado, este dispositivo atua desde o grupo familiar, atingindo outras dimensões da vida do sujeito (Braga, Ribeiro e Caetano, 2022). Atrelada a esta dimensão social, temos a constituição de um campo de estudos lésbicos que busca afetar currículos, docência e dialogar com o feminismo lésbico (Braga, Ribeiro e Caetano, 2018; Maciel, 2014a; 2014b; Falquet, 2012). No campo acadêmico, a pesquisa dialoga com autorias que discutem gênero e sexualidade a partir de teorizações de Michel Foucault, como segue.

Segundo as análises sobre gênero da escritora Judith Butler (2003; 2015; 2019), os corpos são produzidos e distribuídos socialmente por um discurso heteronormativo, este orientado pelo dimorfismo sexual, o privilégio do masculino e a heterossexualidade compulsória. As análises dessa autora dialogam fortemente com os estudos sobre Michel Foucault (2007; 2009; 2012; 2014). Este autor compreende discurso como um conjunto de enunciados em constantes processos de articulação e rearticulação, algo que ocorre nas relações de poder e resistência em que determinados corpos são assujeitados nas relações entre sujeitos de um determinado contexto. Assim, analisar discursos no contexto educacional exige localizarmos a materialidade desses processos de articulação e rearticulação (Fischer, 2001).

Consideramos que a produção intelectual, seja da academia ou da luta social, sobre docência, lesbianidade e feminismo lésbico podem indicar as movimentações de enunciados que nos permitem analisar como a docência lésbica tem sido articulada nos contextos educacionais.

Ao tomarmos os elementos discursivos analisados, nomeamos as práticas que encontramos como docências lésbicas. Essas práticas foram encontradas tanto nas produções do *corpus* do levantamento de pesquisa como no próprio ato das pesquisadoras que se afirmam a partir das lesbianidades. Essas docências são diversas e variadas, com estratégias que atingem o currículo escolar em sua dinamicidade e na sua formalização política-pedagógica.

A seguir, apresentamos uma seção denominada *Lesbianidade e Docência em Pesquisa*, evidenciando a metodologia utilizada para produção, organização e análise das fontes selecionadas neste relatório. Nela, destacamos como uma autoidentificação lésbica é evidenciada nos textos, indicando a importância dessas autoras para uma produção intelectual referenciada. Na seção seguinte do relatório, analisamos *Relações entre Feminismo Lésbico e suas Análises sobre a Educação*. Isto nos permitiu entender como a produção de conhecimento sobre lesbianidade e docência de modo específico, e/ou lesbianidade e educação de modo mais amplo, não está restrita a produções acadêmicas, mas se apresenta de modo bastante articulado com a militância do movimento social e organismos de políticas públicas.

2 LESBIANIDADE E DOCÊNCIA EM PESQUISAS

A investigação que trata este relatório se deu por uma pesquisa qualitativa de aproximação inicial da temática, com atenção especial ao tratamento e divulgação dos dados (Gerhardt e Silveira, 2009). Consideramos que, para este tipo de pesquisa, o levantamento bibliográfico se constitui de uma etapa fundamental (Galvão, 2011). Considerando a metodologia da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico de pesquisas acadêmicas com o intervalo de 10 anos (2012-2022), elegendo como termos de busca: “professoras” e “lésbicas”, especificamente na área da Educação. O levantamento foi realizado em três plataformas: no SCIELO (Scientific Electronic Library Online), no portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na Biblioteca digital de teses e dissertações da CAPES.

É importante ressaltar que a busca na base de dados da CAPES foi realizada durante o período de março a abril de 2024, quando o site ainda não havia sido atualizado para seu novo sistema de busca desenvolvido pela CAPES. No ANEXO I está indicada a localização de cada produção analisada. A primeira seleção dos textos se deu pela leitura e verificação da existência da temática nos resumos, títulos e palavras-chave. Em seguida, foi realizada a leitura dos textos, fazendo um levantamento de quais questões sobre lesbianidade e docência ganhavam centralidade em cada artigo ou apareciam com importância secundária. Inicialmente, elegemos termos que remetem a estas questões em cada texto para construirmos eixos de análise que nos informem sobre a docência lésbica.

No levantamento realizado no portal SCIELO, foi encontrado apenas um artigo sobre a temática: “A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo” por Patrícia Daniela Maciel e Maria Manuela Alves Garcia (2018). No levantamento realizado no portal de periódicos da CAPES, foram encontrados 33 artigos relacionados ao tema. Contudo, a maioria dos resultados não estava relacionada diretamente ao tema professoras lésbicas, o termo aparece relacionado a temas como diversidade sexual e comunidade LGBTQIA+. A partir do critério de nossa pesquisa em analisar exclusivamente textos sobre professoras lésbicas, foram selecionados seis artigos que abordam especificamente o tema.

Artigos

1. “Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir o gênero na docência”, autoria de Patrícia Daniela Maciel (2016).
2. “A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo” é autoria de Patrícia Daniela Maciel e Maria Manuela Alves Garcia (2018).

3. “Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas” autoria de Cláudia Vianna e Tatiana Carvalho (2020).
4. “Eu era tudo aquilo que não desejavam para uma professora”: docência negra e lésbica na Educação Básica, autoria de Tainah Mota do Nascimento e Rodrigo Manoel Dias da Silva (2020).
5. “Marcas de uma cultura lesbofóbica em narrativas de docentes lésbicas” autoria de Camila Bonin Liebgott e Raquel Weiss (2020).
6. “Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação”, autoria de Daniela Auad (2021).

No levantamento realizado na Biblioteca digital de teses e dissertações da CAPES foram encontrados 21 resultados relacionados à temática. Entretanto, alguns dos resultados encontrados estão relacionados a professores gays, diversidade sexual e homofobia na escola. Dessa forma, após a leitura dos resultados encontrados, a partir do critério da pesquisa de analisar exclusivamente sobre professoras lésbicas, foram selecionadas cinco dissertações de mestrado e três de doutorados, totalizando oito pesquisas que abordam especificamente sobre o tema.

Dissertações

1. “Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória”, autoria de Ariane Celestino Meirelles (2012).
2. “Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de Silêncios, autoria de Tainah Mota do Nascimento (2020).
3. “Tudo aquilo que sou perpassa a minha existência enquanto mulher e lésbica”: Narrativas de professoras lésbicas das Instituições de Ensino Superior do Amapá”, autoria de Andressa Costa dos Santos (2020).
4. “Escrevivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades”, autoria de Gersier Ribeiro dos Santos (2021).
5. “Eu desmarco mesmo”: Professoras lésbicas e práticas docentes de desobediência epistêmica no ensino superior” autoria de Mayana Esther Morbeck Mota Coelho (2022).

Teses

1. “Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência”, autoria de Patricia Daniela Maciel (2014).
2. “Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de

visibilidades”, autoria de Tatiana Carvalho de Freitas (2018).

3. “Trajetórias de professoras lésbicas na educação básica: saberes docentes como resistências”, autoria de Camila dos Passos Roseno (2022).

2.1 Descrição dos artigos

O artigo “Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir o gênero na docência”, de autoria de Patrícia Daniela Maciel (2016), explora a produção do gênero no magistério, a partir dos depoimentos de sete professoras que se assumiram lésbicas e atuaram na educação básica. A autora utilizou para a análise do material os estudos de Michel Foucault, especialmente o dispositivo da sexualidade, e de Judith Butler, a respeito da crítica ao sistema corpo/sexo/gênero. Além de tecer algumas provocações sobre a potência do conceito de gênero nos processos de produção e profissionalização da docência. A autora conclui que as professoras investigadas subvertem alguns padrões de gênero nas suas vidas pessoais e profissionais, reconfigurando os próprios estilos de pensar a si e à educação.

O artigo “A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo”, de autoria de Patricia Daniela Maciel e Maria Manuela Alves Garcia (2018), tem como base relatos autobiográficos de um grupo de sete mulheres professoras da educação básica que em algum momento, assumiram-se lésbicas. O artigo discute os discursos de gênero, como as professoras produzem a docência e o currículo. Aliam-se ao estudo as contribuições de Michel Foucault acerca da sexualidade e do cuidado de si e a crítica de Judith Butler ao sistema corpo/sexo/gênero. A autora conclui que as experiências das professoras lésbicas nas escolas produzem uma pedagogia que atua como um questionamento dos padrões heteronormativos, produzindo conhecimentos próprios pelos quais elas reinventam suas identidades como professoras.

O artigo “Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas”, autoria de Cláudia Vianna e Tatiana Carvalho (2020), produz reflexões de uma pesquisa qualitativa sobre professoras lésbicas na Educação Básica. De modo geral, a pesquisa analisa quais são os distintos significados de ser uma professora lésbica na Educação Básica, tendo em vista o tabu que isso ainda representa no meio escolar. Além de problematizar a importância dessa questão na própria formação docente. As autoras concluem que os significados e os conhecimentos construídos pelas professoras lésbicas sobre a diversidade sexual são sempre pedagógicos.

O artigo “Eu era tudo aquilo que não desejavam para uma professora”: docência negra

e lésbica na Educação Básica”, de autoria de Tainah Mota do Nascimento e Rodrigo Manoel Dias da Silva (2020), tem por objetivo analisar a trajetória de uma professora negra lésbica do Sul do Brasil, que atua no ensino público. O artigo procura problematizar as estratégias e os recursos de sobrevivência construídos no decorrer de sua trajetória, evidenciando a produção de práticas pedagógicas como metodologias que racham com o sistema que inviabiliza e anula as existências de mulheres negras e lésbicas. Os autores concluem que os saberes e experiências da professora, ainda que singulares, contribuem para novos saberes e fazeres no campo da Educação.

O artigo “Marcas de uma cultura lesbofóbica em narrativas de docentes lésbicas”, de autoria de Camila Bonin Liebgott e Raquel Weiss (2020), analisa se fomenta a lesbofobia no espaço escolar, a partir de entrevistas com quatro professoras da região metropolitana de Porto Alegre/RS que atuam na Educação Básica. O artigo utiliza como base teórica, discussões do campo da Sociologia da Moral e o conceito de lesbofobia que, para Lorenzo (2012), é uma construção cultural que funciona como mecanismo político de opressão, dominação e subordinação social das lésbicas. As autoras concluem que as análises mostraram que a escola é um espaço que fomenta a lesbofobia, sendo as professoras lésbicas silenciadas quanto à sexualidade. Contudo, há pequenas brechas no espaço da docência, sobre a tematização curricular de alguns aspectos sobre sexualidade. A própria existência de professoras lésbicas no âmbito de uma instituição moralizadora como a escola é uma forma potente de contestação/resistência.

O artigo “Caminhos entrelaçados: Feminismo e Lesbianidades na Pesquisa em Educação”, de autoria de Daniela Auad (2021), utiliza a memória como fio condutor da pesquisa. O texto dialoga com estudos do campo da educação e gênero e pesquisas que focalizam mulheres lésbicas e bissexuais na área da educação. A autora analisa bancas de mestrado e doutorado das quais participou como orientadora ou como avaliadora, travando um diálogo sobre lesbianidade e educação. A autora conclui que, entre bandeiras de luta e produção científica, é notável a possibilidade de visualização de itinerários entrelaçados, nos quais se transita do feminismo ao gênero, do gênero aos feminismos, e dos feminismos às lesbianidades.

2.2 Resumo de teses/dissertações

A dissertação “Políticas Públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória”, autoria de Ariane Celestino Meireles (2012), investiga o debate sobre sexualidade, homofobia e temas

relacionados nas escolas da Prefeitura Municipal de Vitória, a partir de depoimentos de professoras lésbicas e bissexuais que atuam na educação básica. Interessei-me em compreender se a identidade sexual dessas professoras é um elemento importante nesse contexto, além de investigar quais instrumentos são utilizados nas políticas públicas em educação para a diversidade sexual na Prefeitura de Vitória. A partir dos depoimentos das professoras, foi possível apontar que estudantes e professoras(es) são alvo de atitudes preconceituosas devido à orientação sexual na escola. Destaca-se que os instrumentos analisados para debater sobre diversidade dão ênfase à promoção da educação sexual numa perspectiva heteronormativa. Por fim, a autora constata que o debate sobre gênero e sexualidade é dificultado pela homofobia institucional nas escolas.

A tese “Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência”, de autoria de Patrícia Daniela Maciel (2014), tem como objetivo principal o estudo de gênero nas narrativas de professoras lésbicas. O objetivo principal da pesquisa foi investigar como, a partir dos discursos de gênero e dos dispositivos de sexualidade, os processos de subjetivação das professoras produzem alguns modos particulares de viver a docência. Foram usados como referencial teórico os Estudos Feministas e Pós-Estruturalistas, principalmente os textos de Judith Butler e Michel Foucault, em que o gênero e a sexualidade são tratados como dispositivos discursivos capazes de produzir aquilo que nomeiam. A análise foi feita a partir de entrevistas semi-estruturadas com sete professoras, com só dois critérios: a) terem atuado na educação básica; b) terem assumido a lesbianidade em algum momento de suas vidas. A autora conclui que nem todas as professoras lésbicas, por serem homossexuais, problematizam o gênero nas escolas, mas todas, ao experienciar o gênero, acabam produzindo conhecimentos éticos sobre si, alguns saberes próprios e particulares sobre si.

A dissertação “Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios”, de autoria de Tainah Mota do Nascimento (2020), analisa a trajetória de professoras negras lésbicas do sul do Brasil, atuantes no ensino público, e sua (in)visibilidade no espaço educacional. O estudo problematiza as estratégias e recursos de sobrevivência construídos pelas professoras negras lésbicas no decorrer de suas trajetórias percorridas na educação. O método utilizado na pesquisa é a abordagem qualitativa, utilizando como metodologia a entrevista compreensiva. Usa a interseccionalidade como base conceitual e ferramenta de análise, considerando o modo como raça, classe, gênero e sexualidade estão interligados aos mecanismos de dominação. A autora ressalta-se como considerações finais que a interpelação interseccional permite analisar e compreender a multiplicidade de diferenças presentes nas trajetórias docentes de mulheres negras lésbicas, que interagem e atuam em

diferentes espaços balizados por inúmeras discriminações, como o racismo, o machismo e a lesbofobia. As professoras negras lésbicas são autoras de suas próprias histórias, essas mulheres ressignificam a docência, tensionam as barreiras institucionais, produzindo conhecimentos teóricos emancipatórios.

A dissertação “Tudo aquilo que sou perpassa a minha existência enquanto mulher e lésbica”: narrativas de professoras lésbicas das Instituições de Ensino Superior do Amapá”, de autoria de Andressa Costa dos Santos (2020), tece uma discussão acerca dos estudos de gênero e do percurso da sexualidade como construções históricas e sociais. Delimita os conceitos e reflexões sobre a homossexualidade, sobre orientação sexual e do processo complexo de formação do sujeito político de mulheres lésbicas, na atuação docente frente às vivências com a sexualidade e o enfrentamento às questões de gênero. A problemática da pesquisa visou compreender como as identidades docentes de professoras lésbicas das Instituições de Ensino Superior do Amapá são construídas, considerando as negociações de gênero e sexualidade como processos simbólicos, culturais e históricos que organizam a vida profissional dessas professoras. A autora, por fim, afirma que todas as quatro professoras entrevistadas em algum momento de suas trajetórias sofreram tensões nas relações de poder e na regulação do sexo e gênero. Na fala delas, o marcador de gênero é muito mais presente, além do enfrentamento diário em ser mulher na busca de legitimação, seguido da visibilidade lésbica.

A tese ‘Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades’, de autoria de Tatiana Carvalho de Freitas (2018), tem por objetivo compreender os diversos significados do que é ser uma professora lésbica no ambiente escolar. A pesquisa é de natureza qualitativa e de perspectiva sociológica, que dialoga com estudos nacionais e internacionais já realizados sobre o debate de gênero, sexualidades e heteronormatividade. Foram entrevistadas seis professoras da rede pública (estadual ou municipal) de São Paulo. A partir de um roteiro semiestruturado, a pesquisa teve por objetivo compreender como essas docentes lidam com suas sexualidades no ambiente escolar, quais são seus principais obstáculos e medos. Os resultados da investigação mostram que, apesar de uma invisibilidade acerca da existência lésbica, as professoras constroem uma visibilidade pedagógica e possibilidades de uma existência lésbica legítima no ambiente escolar.

A tese "Trajetórias de professoras lésbicas na educação básica: saberes docentes como resistências", de autoria de Camila dos Passos Roseno (2022), tem como objetivo conhecer como os saberes docentes e a identidade docente são constituídos pelas lesbianidades de professoras da educação básica. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a metodologia da “Bola de Neve”, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete professoras

lésbicas da região nordeste do Brasil. O método utilizado foi o autobiográfico para identificar, através das trajetórias de vida, os saberes docentes como resistência. Desse modo, foram identificados diversos saberes docentes e estratégias utilizadas por essas professoras para acolher os estudantes que se encontram vulneráveis, devido às suas orientações sexuais ou identidades de gênero, assim como formas de resistência aos assédios ocorridos pelos seus pares contra elas e contra discentes, no ambiente escolar. Através desse estudo, foi possível visibilizar trajetórias e estratégias das docentes que produzem conhecimentos que devem ser incorporados nas formações iniciais e continuadas de professoras e professores.

A dissertação ““Eu demarco mesmo”: professoras lésbicas e práticas docentes de desobediência epistêmica no ensino superior”, de autoria de Mayana Esther Morbeck Mota Coelho (2022), investiga como professoras autodeclaradas lésbicas estão produzindo conhecimentos e saberes dissidentes e visibilizando epistemologias decoloniais, como lesbofeministas, queer e gênero, nas relações de ensino e aprendizagem com alunos(as) em sala de aula. Foi utilizada como metodologia a abordagem teórica e pesquisa de campo, recorrendo à análise bibliográfica e documental para aprofundamento de conhecimentos sobre o tema/objeto de estudo e a análise de discurso de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro docentes de instituições públicas de ensino superior que se autoidentificam como lésbicas. A pesquisa aponta espaços de abjeção dos corpos, visões de mundo referenciadas em binarismos de gênero (e suas relações com sexo, raça e classe), (pre)conceitos sobre sexualidade, movimentos feministas, opressões. Por fim, a autora espera contribuir com conhecimentos, discussões, debates, reflexões e pesquisas sobre a desobediência epistêmica nas práticas docentes em instituições de ensino superior, a partir da problematização contemporânea sobre modos hegemônicos de pensar o social, o político, o econômico e o cultural nos espaços universitários brasileiros.

A dissertação “Escrivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades”, de autoria de Gersier Ribeiro dos Santos (2021), tem por objetivo discorrer sobre escrituras e experiências docentes de professoras-negras-lésbicas na universidade e na educação básica. O objetivo geral é compreender como são as trajetórias pessoais e as experiências de práticas pedagógicas e políticas de professoras-negras-lésbicas no âmbito acadêmico e na Educação Básica. Para os objetivos específicos, tenho as seguintes proposições: a) verificar se a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade têm aparecido nas pesquisas; b) perceber como suas práticas pedagógicas e experiências docentes se constituem enquanto relevância institucional; c) entender como as relações de trocas, afetações, sentimentos de pertença e solidariedade são estabelecidos entre essas mulheres no ambiente

profissional. O referencial teórico utilizado nesta pesquisa foi firmado em posições de Audre Lorde em suas discussões sobre mulheres lésbicas.

Nas 14 (catorze) produções analisadas, é possível localizar fortemente que existe a construção de um discurso dentro do feminismo lésbico que dialoga com outros feminismos que pautam os marcadores sociais da diferença de forma evidente. Podemos destacar de modo mais acentuado os diálogos com o feminismo negro, principalmente com citações de Angela Davis (2020), bell hooks (2020), Lélia Gonzales (1983), entre outras autoras. A discussão da interseccionalidade com a produção feminista de Patricia Hill Collins (2016; 2019) e Kimberly Crenshaw (1991). Nas discussões sobressaem de modo bastante evidente as discussões de Judith Butler sobre heteronormatividade (2003), bem como discussões que dialogam de modo mais aprofundado com as noções de Michel Foucault (2007; 2009; 2012; 2014) sobre poder e a produção discursiva dos corpos.

Os resultados apresentados na pesquisa apontam que as trajetórias educacionais das professoras foram marcadas por episódios de racismo e lesbofobia. Também foi possível perceber que, diante das opressões do ambiente escolar, o mecanismo de proteção em relação à sexualidade ainda é usado pelas professoras-negras-lésbicas em formação. Outra análise evidente é que a presença dessas mulheres na educação básica pode representar nos seus estudantes sentimento de pertença e acolhimento. Por fim, foi possível identificar que suas práticas pedagógicas refletem um posicionamento político e ativista. De modo ainda incipiente, podemos dizer que elementos para um enunciado da docência lésbica, a partir da pesquisa acadêmica, parecem indicar um lesbofeminismo atento à raça, classe e gênero, com maior destaque para relações de poder e busca de reconhecimento das docências lésbicas.

2.3 A produção intelectual: reconhecimento das autorias lésbicas

Os eixos temáticos, encontrados em nossos dados, que mapeiam as pesquisas e debates sobre professoras lésbicas apresentam as seguintes questões: professoras lésbicas e lesbofobia, professoras lésbicas e gênero e sexualidade, professoras lésbicas e feminismo/feminismo lésbico, professoras lésbicas e raça; professoras lésbicas e docência, professoras lésbicas e currículo. Consideramos que emerge uma produção intelectual sobre lesbianidade e docência referenciada em posições que são epistemológicas, por articularem questões teórico-metodológicas e ao mesmo tempo posições políticas de mulheres lésbicas que se autoidentificam de modo reflexivo como pesquisadoras lésbicas.

No Quadro 1 (um), logo à frente, identificamos que as autorias das pesquisas sobre docência e lesbianidade são majoritariamente de pessoas que se autodeclaram lésbicas. De algum modo, os textos apresentam elementos que também dizem de suas autorias, ou ao menos dialogam com questões que apresentam uma proximidade autoreflexiva entre quem pesquisa e a questão pesquisada. De algum modo, a experiência, como definido por Jorge Larrosa (2002), pode nos ajudar a pensar nesta noção que aqui chamamos de proximidade reflexiva.

A noção de experiência no texto de Larrosa (2002) nos provoca a refletir sobre a experiência humana, particularmente no contexto da educação. Ele critica a ênfase na informação em detrimento da vida, argumentando que a experiência genuína muda as pessoas, fazendo-as questionar certas crenças e abrir suas mentes. Larrosa conecta o aluno às emoções e valores, enfatizando a importância do sentido na educação. Segundo eles, a linguagem é crucial para a construção da experiência, moldando nossa percepção do mundo. Suas ideias desafiam a educação tradicional, oferecendo uma abordagem de aprendizagem focada na formação de sujeitos que promove a empatia e a reflexão. Larrosa incentiva educadores a criar uma aprendizagem mais significativa em ambientes de aprendizagem, onde a experiência é valorizada como um caminho para o desenvolvimento humano.

A experiência como algo que aproxima as pessoas de modo genuíno às suas emoções, à linguagem que faz sentido para o sujeito, parece ter alguma relação com as autorias lésbicas que escrevem sobre lesbianidade e docência. Para conhecer a autoidentificação da orientação sexual de quem pesquisa sobre professoras lésbicas na educação, analisamos os agradecimentos e a introdução das teses e dissertações selecionadas, além de buscar informações sobre possíveis autoidentificações, no campo das sexualidades, das autorias, seja em entrevistas e nos currículos lattes. A partir das informações coletadas, montamos o Quadro 1.

Quadro 1 Posicionamento das autorias sobre orientação sexual autodefinida

Andressa Costa dos Santos	Lésbica
Ariane Celestino Meirelles	Lésbica
Camila Bonin Liebgott	Lésbica
Camila dos Passos Roseno	Lésbica
Cláudia Vianna	Heterossexual
Daniela Auad	Lésbica
Gersier Ribeiro dos Santos	Lésbica
Maria Manuela Alves Garcia	Não encontrada
Mayana Esther Morbeck Mota Coelho	Lésbica
Tainah Mota do Nascimento	Lésbica
Tatiana Carvalho de Freitas	Lésbica
Tainah Mota do Nascimento	Lésbica
Patrícia Daniela Maciel	Heterossexual
Rodrigo Manoel Dias da Silva	Não encontrada

Fonte: levantamento da autora, 2024

O gênero é o eixo principal dos 14 trabalhos analisados, o eixo problematiza o binarismo de gênero, os papéis de gênero e discute sobre o gênero como construção social, histórica e discursiva. A sexualidade também é um dos eixos principais dos 14 trabalhos, o eixo da ênfase sobre os discursos da sexualidade com foco na visibilidade da sexualidade de mulheres lésbicas na educação. A lesbianidade é outro eixo principal discutido nas 14 pesquisas, o eixo da ênfase no diálogo entre lesbianidade e educação. O eixo sobre feminismo também é abordado nas 14 pesquisas, o eixo discute sobre as contribuições do

feminismo/feminismo lésbico para a sociedade e educação. O eixo sobre raça é abordado em 3 trabalhos, discutindo sobre a vivência de professoras negras nas escolas. A docência lésbica é discutida nos 14 trabalhos, abordando temas sobre saberes, vivências, experiências e práticas docentes das professoras lésbicas. Somente 1 trabalho discute sobre currículo, o trabalho aborda o currículo queer a partir das experiências de professoras lésbicas. A lesbofobia é abordada nas 14 pesquisas, as pesquisas mostram que a escola é um espaço que fomenta a lesbofobia.

Como afirma Santos (2021), quando se remete à questão lésbica, são as mulheres, em sua grande maioria, que expressam o desejo e concretizam as pesquisas. Partindo dessa análise, ressaltamos que a maioria das autorias analisadas, que pesquisam e debatem sobre professoras lésbicas na área da educação, são mulheres pesquisadoras lésbicas.

Um ponto que entendemos como importante no campo das sexualidades e educação diz respeito às autorias das produções. No campo das sexualidades, as pessoas envolvidas com a pesquisa têm cada vez mais nomeado sua posição política/subjetiva/epistemológica diante de seu campo de pesquisa. O ato de se posicionar a partir de sua orientação sexual e/ou identidade ou expressão de gênero tem sido uma forma de enfrentar aquilo que Butler (2003) definiu como normas de gênero, isto é, a heterossexualidade compulsória, o dimorfismo sexual e o privilégio do masculino.

Nestas análises, a autora propõe a heteronormatividade como uma matriz que produz corpos a partir das normas de gênero. O efeito desta posição nos informa sobre o deslocamento de uma posição ética referenciada nas lutas dos movimentos em defesa dos direitos LGBTQIA+. A linguagem é fundamental para a elaboração do sujeito, ao falar de si diante do outro e da comunidade, o sujeito fala daquilo que constrói a si mesmo (Butler, 2015). Dessa forma, quando as professoras se autoidentificam como professoras lésbicas, elas realizam um relato de si, como já foi explicado anteriormente.

3 O FEMINISMO LÉSBICO NAS PESQUISAS SOBRE LESBIANIDADE E DOCÊNCIA

As contribuições do movimento feminista foram fundamentais para a garantia dos direitos civis para as mulheres, dentre eles, o acesso à política e à educação. Conforme Falquet (2009) o movimento lésbico surge nos anos 1970 e se espalha por toda parte do mundo, assumindo sua autonomia em relação ao feminismo heterossexual e ao movimento homossexual. No Brasil, em 1979, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista foi o primeiro espaço específico dedicado a debater sobre a lesbianidade registrado na militância brasileira. (Oliveira, 2017).

O crescimento das produções sobre lesbianidade, que falam a partir do e sobre o universo lésbico, foi influenciado pelo surgimento de ONGs de lésbicas, através do processo afirmativo da identidade lésbica iniciado na década de 1970 e intensificado na década de 1990. Podemos afirmar, portanto, que historicamente esse incremento nos trabalhos acadêmicos sobre a lesbianidade possui nexos com a autonomização do movimento lésbico em relação ao movimento homossexual ou da identidade lésbica em relação às outras identidades políticas. (Santos; Souza; Faria, 2017, p. 1)

O feminismo lésbico afirma que a pesquisadora lésbica é um ser político, o corpo lésbico rompe com o sistema de dominação patriarcal e com a lógica de ordem heteronormativa. Audre Lorde (2019), Adrienne Rich (1980, 2010), Judith Butler (2003) e Monique Wittig (1980, 2010) são teóricas feministas do feminismo lésbico encontradas nas pesquisas analisadas na presente investigação. Para as feministas lésbicas, o lesbofeminismo é uma teoria que luta pela emancipação das mulheres, contra a submissão das mulheres, a opressão sexual imposta pela sociedade autoritária, patriarcal, racista e heteronormativa. As autoras, no decorrer das pesquisas, debatem sobre os conceitos de gênero, heterossexualidade compulsória e existência lésbica e continuum lésbico, defendidos pelas lesbofeministas.

Para Adrienne Rich (2010), a heterossexualidade compulsória é vista como uma estrutura social que restringiu o poder das mulheres em culturas dominadas por homens. A heterossexualidade é apresentada como uma norma social imposta e internalizada que perpetua sistemas de exploração, estabelecendo a feminilidade como subordinada (Rich, 2010). Para Rich (2010, p. 35), a “existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência”. A existência lésbica é uma ruptura de um tabu e a rejeição de um modo compulsório de vida.

O conceito de "continuum lésbico" é crucial. A existência de lésbicas ao longo da história e a forma como continuamente damos significado a essa existência são fatos importantes. O termo

"continuum lésbico" proposto por Rich (2019) abrange uma ampla gama de experiências femininas ao longo da vida de cada mulher e da história, indo além da simples relação sexual genital entre mulheres. Essa definição expandida inclui diversas formas de conexão intensa entre mulheres:

- Compartilhamento de uma vida interior rica e profunda;
- União contra a opressão masculina;
- Apoio prático e político mútuo;
- Resistência ao casamento e a comportamentos considerados "incivilizados".

Em resumo, o "*continuum* lésbico" representa um espectro de experiências que conectam mulheres de diversas formas, construindo um senso de identidade e solidariedade que transcende a mera atração sexual.

Pelos escritos de Wolf (2020) e Rich (2019) é possível considerar três pontos importantes. A experiência de ser mulher pode ser vista como um espectro contínuo de conexões femininas, que se estende desde a infância até a velhice, abrangendo tanto os laços maternais quanto as relações íntimas entre mulheres. Mulheres de todas as idades e em diversas fases da vida podem sentir-se parte desse continuum, seja através do cuidado materno, da amizade profunda, do apoio mútuo ou da paixão. Mesmo que uma mulher não se identifique como lésbica, ela pode se reconhecer nesse espectro de experiências femininas, que celebra a força, a conexão e o amor entre mulheres.

Para Coelho (2022), o feminismo lésbico atua na perspectiva da insubmissão da mulher, seja na sociedade, na ciência, nas questões binárias de sexualidade e gênero. Para Auad (2021), o movimento feminista contribuiu para os estudos sobre gênero e educação, diante do qual é possível pensar a relação entre os movimentos sociais e os saberes acadêmicos. Pesquisas sobre lesbianidade fortalecem a luta do movimentolésbofeminista, além de dar visibilidade à temática das lesbianidades no campo de estudos sobre gênero e educação. Pois, para a autora, pesquisas sobre lesbianidades rompem com a heterossexualidade compulsória imposta socialmente, fortalecendo a existência lésbica.

3.1 Lesbofobia nas escolas e suas manifestações no cotidiano escolar

As autoras das pesquisas analisadas relatam inúmeros casos de lesbofobia que acontecem no cotidiano das escolas, na família e na sociedade. Conforme Silva (2016), no Brasil, a noção de lesbofobia foi difundida no início da década de 1990, pelo Grupo Gay da Bahia, por via dos Boletins do Grupo publicados no período de 1993 a 1999, disseminando o termo “violência anti-lésbica”. O primeiro boletim do grupo divulgou uma lista de lésbicas assassinadas no Brasil e utilizou a palavra “lesbofobia” para se referir a esses assassinatos.

O termo lesbofobia é usado para caracterizar a violência física ou verbal, o preconceito e a discriminação que mulheres lésbicas sofrem por se relacionar afetivamente/sexualmente com outras mulheres. A lesbofobia produz contextos específicos de vulnerabilidades, como violências brutais, como assassinatos, estupros “corretivos” e assédios sexuais, até as hospitalizações verbais, micro punições, vigilâncias sutis, movimentos restritivos de controle, (re)educação e adequação às normas. (Braga, 2019, p. 141).

A lesbofobia, para Lorenzo (2012), é uma construção cultural e uma opressão estrutural que funciona como mecanismo político de opressão, dominação e subordinação social das lésbicas. Para Lorenzo (2012), a origem da lesbofobia é o sexismo, ao qual se entrelaçam o machismo, a misoginia e a homofobia. O machismo inferioriza o feminino, colocando a mulher como subalterna e submissa ao homem, já a homofobia rotula a homossexualidade como desviante da norma heterossexual. Entendemos que a segregação terminológica, utilizando homofobia para gays e lesbofobia para lésbicas, cumpre uma função analítica de grande importância. Assim, podemos especificar formas de enfrentamento para cada situação, tomando as nuances de cada identidade ou expressão de gênero, além de problematizar posições machistas dentro da gramática das lutas sociais. A lesbofobia se expressa, nos termos de Lorenzo (2012), a partir de quatro elementos, como apresentados a seguir.

- A não aceitação da diferença e a sua construção como desigualdade: a construção da desigualdade é conformada pelo gênero e pela sexualidade. As mulheres se diferem dos homens, definidos como superiores socialmente, também se diferenciam em relação ao padrão heterossexual por se relacionarem com outras mulheres.
- A desumanização das lésbicas: as lésbicas são estigmatizadas socialmente, por consequência, o caráter humano é retirado dessas mulheres, pois, para a sociedade, as

mulheres só são consideradas razoavelmente humanas se cumprem com o papel de esposas (a partir da heterossexualidade) e de mães.

- A exclusão: as lésbicas são excluídas pelo grupo de indivíduos que são heterossexuais, além de serem excluídas do espaço social e político de luta pelos seus direitos.
- A violência é caracterizada pela intersecção do machismo, da misoginia e da lesbofobia, que coloca em risco a vida das lésbicas e se expressa na violência cotidiana.

De acordo com Becker (2008), a lesbofobia classifica as mulheres lésbicas como anormais e desviantes por desviarem da heteronormatividade. Quando uma mulher lésbica é rotulada socialmente como desviante, as professoras lésbicas podem sofrer com o isolamento, violências lesbofóbicas, até mesmo correrem o risco de perderem seus trabalhos. As autoras Maciel e Garcia (2014) relatam a história de uma professora de educação física que passou a ser vigiada e posteriormente foi afastada de uma escola por discutir gênero e sexualidade em suas aulas.

A autora Santos (2020) expõe que as professoras lésbicas vivem constantemente com medo de falar sobre si mesmas e com medo da rejeição por pertencerem a um grupo que está fora da norma heterossexual vigente. A autora relata a história da professora Eliza (2020), que “tinha medo do sentimento de rejeição, de como as pessoas iriam me olhar, principalmente minha mãe, meu pai, minha irmã... eu tinha medo de não ser mais bem vinda em certos ambientes, de sentir os olhares discriminatórios [...] (Eliza, em entrevista concedida a Andressa Costa dos Santos em 16/01/2020).

Louro (2008) ratifica que a sexualidade é permeada por diversos meios de controle, vigilância e punição, como explanadas por Michael Foucault no livro “Vigiar e Punir” (2014), onde há diferentes formas de regulação e são várias as “instâncias” e “instituições” que lhe conferem normas. A heteronormatividade opera no contexto escolar, marcando sujeitos como desviantes, estabelecendo limites para a abordagem de temáticas como gênero e sexualidade. As mulheres lésbicas são permanentemente vistas sob suspeita e constante vigilância. Carvalho (2018), em sua pesquisa, expõe o relato da professora Eloisa: “(...) as pessoas estão olhando para você.” E qualquer coisa errada que você faça, as professoras vão dizer: 'Olha, olha ali, é a professora lésbica que está fazendo isso'. Então, não deixa de ser uma coisa de você viver pisando em ovos” (Professora Eloisa, entrevista, 25 de outubro de 2015).

Conforme relata Coelho (2022), a necessidade de afirmação profissional também aparece nos relatos das professoras. As docentes expressam a necessidade de superar as expectativas, sendo profissionais acima da média para ganhar e manter o respeito tanto da equipe quanto dos/as estudantes e de pais e mães. ‘Elena, por exemplo, afirma: “Aí, tem essa coisa: a gente tem que

ser mais inteligente que os outros, porque é homossexual. Você tem que ser mais inteligente. ‘Porque senão, *putz (sic)*, como você vai ganhar o respeito das pessoas?’ (Professora Elena, entrevista, 12 de novembro de 2015).

Como expõem Vianna e Carvalho (2020), no contexto da heteronormatividade, abordar temas como gênero e sexualidade - enquanto professoras lésbicas - carrega a suspeita de “doutrinação”. O discurso conservador por trás dessa preocupação é a crença de que falar sobre diversidade sexual na escola é uma influência negativa para as crianças e adolescentes. Carvalho (2018) também afirma que, nas narrativas das quatro entrevistadas, elas destacam que a afirmação de sua sexualidade, em um primeiro momento, não foi bem recebida pela família, aspecto que marca as trajetórias.

Carvalho (2018) também relata episódios de lesbofobia por parte de professoras evangélicas na escola, motivados por convicções religiosas. Ela traz o relato da professora Eloise, que relata sobre uma guarda da escola que era assumidamente lésbica e estava sendo assediada por duas professoras evangélicas que queriam converter a orientação sexual da funcionária. Eloise passou a conversar com a guarda sobre os preconceitos de sua lesbianidade. A partir dessa atitude de discutir nas reuniões docentes questões de discriminação sobre sexualidade, Eloise começou a ser vista por um grupo de professoras como má influência para a escola. Surgiram rumores a respeito de um possível relacionamento entre ela e a guarda, proporcionando um ambiente de tensão que durou o ano inteiro.

Nascimento (2022) relata a história da professora Assata que saiu de uma escola por conta de racismo, intolerância religiosa e lesbofobia, pois, na sua perspectiva, ela era “[...] tudo aquilo que não desejavam para uma professora: negra, lésbica e de religião de matriz africana” (p. 7). Também ouviu na escola que ser lésbica era inaceitável. As autoras Bonin e Weiss (2020), ao perguntarem às professoras entrevistadas “já viveu alguma situação de lesbofobia dentro da tua profissão?” (p. 303). Durante as entrevistas, as professoras entrevistadas relataram episódios de lesbofobia que aconteceram nas escolas. Os episódios ocorrem nas distintas relações, com alunos, pais de alunos ou colegas professores.

Maciel e Garcia (2014) também relatam o acontecimento de uma professora de educação física que passou a ser vigiada e depois foi afastada de uma escola por discutir gênero e sexualidade em suas aulas. A autora Roseno (2022) expõe que as professoras entrevistadas em sua pesquisa, relataram diversas situações de lesbofobia no cotidiano escolar; comentários preconceituosos são feitos, principalmente, na sala dos professores. A autora relata o acontecimento com a professora Magia Preta que ouviu "eu tenho nojo de sapatão" de uma colega professora na sala dos professores. (Roseno, p. 173). A própria pesquisadora Camila

Roseno relata que foi denunciada por uma mãe de aluna maior de idade, alegando que ela estava tratando sobre sua sexualidade ou opção sexual nas suas aulas. A coordenação e a direção da instituição em que Camila lecionava a convidaram para uma reunião e solicitaram que ela não tratasse mais sobre o tema em sala de aula, alegando que não tinha necessidade dela falar abertamente que era uma mulher lésbica que pesquisava e escrevia sobre lesbianidades.

A instituição escolar, por meio de um sistema binário, hierárquico e excludente em relação à sexualidade, rotula os corpos lésbicos como antinaturais e desviantes. A partir da análise dos trabalhos, foi possível constatar que as professoras lésbicas, por fazerem parte de um grupo que confronta a heteronormatividade, vivenciam diversas situações de lesbofobia no cotidiano escolar. Nas diversas situações narradas das professoras lésbicas, é possível vislumbrar a força de uma cultura lesbofóbica que é manifestada através das atitudes, comentários de colegas professoras, gestoras, funcionárias, secretarias de educação, alunos e pais de alunos.

Conclui-se que a lesbofobia no ambiente escolar é potencialmente hostil para as professoras que se identificam como lésbicas, agindo de modo a controlar suas sexualidades por medo e assédio, marginalização, silenciamento, políticas e práticas institucionais (Carvalho, 2018). Apesar deste contexto opressivo, as pesquisas também reconhecem que as professoras têm capacidade de subverter, desafiar e resistir. A própria existência de professoras lésbicas no âmbito de uma instituição moralizadora como a escola é uma forma potente de contestação e resistência.

3.2 Lesbianidade e docências lésbicas

No campo da Educação, como área de investigação e conhecimento, há várias pesquisas que abordam a questão da formação e atuação docente. Entretanto, de acordo com Vianna e Carvalho (2020, p.79), "boa parte dessas análises não avalia mais detidamente as distinções de gênero na categoria, principalmente levando-se em conta a presença mais expressiva de mulheres na carreira." São ainda mais raras pesquisas centradas em professoras lésbicas na educação com foco específico na articulação entre gênero, sexualidade e formação docente. Roseno (2022) aponta que existe uma ausência de formação acadêmica sobre gênero e sexualidade na formação inicial e continuada no país. A autora expõe em sua pesquisa que praticamente todas as professoras lésbicas entrevistadas não possuíam uma formação acadêmica na universidade que debateram questões sobre gênero e sexualidade. Essa ausência de formação pode ser explicada pela interferência de uma agenda religiosa fundamentalista que visa excluir as discussões sobre diversidade sexual no ambiente escolar diretamente, por meio da vigilância dos/as professores/as. Ela atua também na formação inicial de docentes, de modo a pressionar pela exclusão do tema nos currículos (Santos e Santos, 2019).

Os trabalhos analisados: Meireles (2012); Maciel (2014); Carvalho (2018); Santos (2020); Nascimento (2020); Santos (2021); Roseno (2022); Coelho (2022), evidenciaram que as professoras lésbicas na educação constroem diversos saberes docentes e práticas pedagógicas sobre questões de gênero, sexualidade e raça na sala de aula através das suas experiências de vida como mulheres lésbicas e também como mulheres negras lésbicas. As histórias e vivências pessoais das professoras lésbicas na escola possibilitam a construção de saberes docentes e estilos próprios de exercer a docência na educação. Há muito já se sabe da importância que a história de vida e a experiência pessoal de um/a professor/a têm na constituição da docência, dos saberes docentes e de um estilo próprio de ser professor/a. Apesar de alguns relatos em comum das professoras lésbicas, é fundamental ressaltar que as experiências como uma mulher lésbica são vivenciadas de forma particular e única. Como afirma Roseno (2022, p. 118):

Reconhecer que é lésbica é um processo de autoconhecimento, que perpassa uma série de experiências, entendimentos, identificações, enfrentamentos, desvios e subversões dos padrões sociais e históricos impostos. "É um processo de descoberta de si, de autoconsciência, que sucede o reconhecimento de sentimentos, desejos, referências e elementos identitários que constroem essa existência".

Maciel (2016) destaca que é um desafio encontrar rastros de como estão sendo produzidas outras pedagogias nas escolas, principalmente em relação a um currículo queer a partir dos discursos das experiências docentes das professoras lésbicas. Ao analisar as pesquisas sobre professoras lésbicas na educação, foi possível constatar que as discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas ou nas universidades são abordadas pelas professoras lésbicas a partir de um currículo oculto.

Fiorini (2020) afirma que pensar no currículo não é considerar apenas os conteúdos oficiais que devem ser abordados, mas todas as interações que ocorrem no espaço da escola. A conduta de professores em relação à sexualidade não está somente na forma como se trabalha com o tema em sala de aula, ao seguir o cronograma de conteúdos, mas sim na maneira como é conduzida a questão e nas atitudes que são tomadas frente à discussão da temática no contexto educativo. Dessa forma, percebe-se que a concepção de currículo, no caso, não vai além de conteúdos formais e definições a serem ensinadas, excluindo o currículo oculto, o qual “[...] envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar” (Moreira; Candau, 2006, p. 84).

Como afirma Tardif (2017), o saber experiencial é um saber existencial, “pois está ligado à experiência do trabalho e à história de vida do professor, ao que ele foi e ao que é, o que significa que está incorporado à própria vivência do professor, à sua identidade, ao seu agir, as suas maneiras de ser” (Tardif, 2017, p. 110,). A autora Roseno (2022) localizou saberes docentes específicos das professoras lésbicas entrevistadas que são influenciados por história de vida e vivências como mulheres lésbicas. O primeiro saber se refere às formas de resistência frente às discriminações e situações de LGBTfobia que as professoras e os discentes sofrem. O segundo saber: são as políticas de acolhimento das professoras aos estudantes LGBTs através de cuidados, escuta, defesa, políticas de ações afirmativas, encaminhamentos para escolas em que serão trabalhadas as questões de gênero e de orientação sexual. O terceiro saber docente: são as estratégias em sala de aula e nas escolas para tratar das questões de gênero e orientação sexual, por meio de projetos educativos, conteúdos disciplinares e das posturas pedagógicas, formas de abordar esses temas.

Maciel (2014) às professoras lésbicas nas escolas: usam as suas experiências de vida para pensar as suas ações como docentes, utilizando suas experiências como lésbicas para criar situações em que elas reconfiguram os modos de se relacionar com os seus alunos e colegas de trabalho e utilizam as suas experiências como lésbicas de modo singular para ressignificar as maneiras que elas agem como professoras.

Carvalho (2018) relata que é possível construir uma visibilidade lésbica pedagógica no ambiente escolar. As docentes entrevistadas na pesquisa inserem em seus planos de aula, atividades, leituras e debates sobre a reflexão da existência de múltiplas configurações familiares, diferentes formas de relacionamento afetivo, debates sobre as desigualdades de gênero e os efeitos da homofobia. As professoras lésbicas, a partir de suas presenças repletas de significados, têm questionado várias noções cristalizadas sobre gênero, sexualidade, lesbianidade e diversidade sexual.

Carvalho (2018) expõe que as estratégias utilizadas pelas professoras não são homogêneas. Algumas preferem ser discretas para se preservarem, pois acreditam que não é necessário sair falando sobre sua sexualidade com qualquer pessoa na escola, mas isso não impede que essas professoras problematizem atitudes homofóbicas e trabalhem assuntos sobre sexualidade na sala de aula. Já outras professoras, falam sobre sua sexualidade de modo mais aberto, procurando naturalizar a abordagem do tema nas aulas com os alunos. A autora compreende esse modo de agir “como um ato político e pedagógico, que pretende romper com a heteronormatividade e erigir a existência na diversidade sexual como uma vivência legítima” (Carvalho, 2018, p. 162).

Para Santos (2021, p. 111), seu fazer pedagógico “reflete, como em um espelho, tudo aquilo que eu sou, e os desejos que giram em torno do que ainda vou me tornar”. Esta autora revela que, a partir das professoras entrevistadas, foi possível constatar que as docentes constroem seus conhecimentos e saberes sobre raça, gênero e sexualidade na universidade, na educação básica ou com o saber não institucionalizado que se aprende com os movimentos sociais negro e lésbico.

A autora Mayana (2022) mostra que as docentes entrevistadas em sua pesquisa utilizam metodologias feministas, abordagens decoloniais, discussões informais sobre sexualidade, situações problema com o público LGBTQIA+ nas disciplinas de saúde, problematizam o gênero, promovem discussões sobre raça, classe e sexualidade nas aulas, produzindo uma prática pedagógica de resistência. Suas práticas docentes e escolhas metodológicas também são situadas no campo dos estudos feministas lésbicos e outras teorias decoloniais.

A autora Nascimento (2020) relata a trajetória de Assata, uma professora negra lésbica que atuava no ensino público. Assata relata que, em sua prática pedagógica, ela faz uso do que bell hooks (2013) conceitua como pedagogia engajada, que se preocupa com o crescimento intelectual dos alunos. Para Assata, a docência não se resume apenas a partilhar informações em sala de aula, ela se inspira a ter coragem de transgredir as fronteiras de uma abordagem de aprendizagem mecanicista. Assata utiliza as narrativas de sua própria experiência para a

discussão em sala de aula, no intuito de demonstrar que mulheres como ela podem transgredir as barreiras impostas pela sociedade, no seu caso, por meio da educação. Assata relata-se “o máximo” por ser professora negra e lésbica e se perceber como um exemplo positivo para as alunas que passaram por suas turmas, servindo inclusive de inspiração para algumas delas. Nas suas práticas pedagógicas, Assata faz conexões com a sua trajetória. Ela demonstra seu empenho em transformar o currículo de tal forma que ele minimamente deixe de ser um mecanismo que reforça os sistemas de dominação. Assata reconhece a importância de uma educação libertadora, reconhecendo a necessidade de se trabalhar a diferença dentro da sala de aula, descentralizando condutas, raças, gêneros, sexualidades e religiões.

Maciel (2016) afirma que as narrativas das professoras lésbicas evidenciam que há uma pedagogia/currículo sendo produzido a partir da ruptura do currículo tradicional. As experiências de gênero e sexualidade das professoras perpassam o currículo e a pedagogia na escola não pela adição de conteúdos gays, lésbicos e transexuais nos currículos escolares, mas pelas relações e problematizações que estas professoras criam a partir da materialidade de seus corpos, algumas vezes ao assumir politicamente a condição lésbica como possibilidade de vida para si mesmas e para seus alunos.

Cabe destacar a falta de pesquisas sobre professoras lésbicas na educação, ainda que as produções que encontramos mostrem como suas experiências de vida de professoras lésbicas influenciam suas práticas pedagógicas. Elas produzem saberes docentes específicos e utilizam o currículo oculto para abordar gênero e sexualidade. Sua existência e seu reconhecimento como mulheres lésbicas enunciam que existem professoras lésbicas na escola. Ainda assim, é preciso reconhecer que há diferentes estratégias de visibilidade lésbica, e a formação acadêmica sobre gênero e sexualidade é frequentemente ausente. Neste sentido, os saberes produzidos pelas lutas sociais do movimento de mulheres lésbicas podem ser um elemento importante neste contexto. A pedagogia de resistência é produzida a partir das vivências e identidades dessas professoras, que buscam transformar o currículo e promover a diversidade. A partir da noção de reconhecimento, em Butler (2015), propomos a especificidade de um reconhecimento lésbico. A partir desses elementos, podemos nomear docências lésbicas como práticas político-pedagógicas que questionam a heteronormatividade, enfrentam a lesbofobia e o lesbo-ódio e produzem formas de reconhecimento lésbico diante do coletivo, do outro e de si mesmo.

4 CONCLUSÕES

A partir da proposta da pesquisa de analisar as produções acadêmicas e do movimento lésbico existentes sobre professoras lésbicas no Brasil, foram encontradas e analisadas entre os anos de 2010 a 2022, 14 produções acadêmicas, dentre elas, artigos, teses e dissertações sobre professoras lésbicas na educação. Esse resultado mostra a invisibilidade e a escassez de estudos sobre professoras lésbicas na educação. Como afirma Santos (2021), quando se remete à questão lésbica, são as mulheres, em sua grande maioria, que expressam o desejo e concretizam as pesquisas. Partindo desse pressuposto, ressaltamos, que a maioria das autorias analisadas, que pesquisam e debatem sobre professoras lésbicas na área da educação, são mulheres pesquisadoras lésbicas.

Pesquisas sobre lesbianidade fortalecem a luta do movimento lesbofeminista, além de dar visibilidade à temática das lesbianidades no campo de estudos sobre gênero e educação. As autoras Audre Lorde (2020), Adrienne Rich (2010), Judith Butler (2003) e Monique Wittig (2010) são teóricas feministas do feminismo lésbico encontradas nas pesquisas analisadas. As autoras, no decorrer dos trabalhos, debatem sobre os conceitos de gênero, heterossexualidade compulsória, existência lésbica e *continuum* lésbico, defendidos pelas lesbofeministas.

A partir da análise dos trabalhos, foi possível constatar que as professoras lésbicas, por fazerem parte de um grupo que não está dentro da heteronormatividade, vivenciam diversas situações de lesbofobia no cotidiano escolar. Constatou-se que as narrativas/trajetórias das professoras lésbicas mostraram que há uma pedagogia/currículo oculto sendo produzido a partir da ruptura do currículo tradicional, que aborda gênero e sexualidade a partir da construção de saberes e práticas pedagógicas a partir de um currículo oculto. As histórias e vivências pessoais das professoras lésbicas na escola possibilitam a construção de saberes docentes e estilos próprios de exercer a docência na educação, possibilitando o exercício de uma visibilidade lésbica pedagógica.

Professoras lésbicas, ao vivenciarem lesbofobia e produzirem saberes a partir de suas experiências, desenvolvem pedagogias e currículos ocultos que desafiam a heteronormatividade e promovem a diversidade sexual no ambiente escolar, contribuindo para o enfrentamento da discriminação e a construção de espaços educativos mais inclusivos. Assim, podemos considerar alguns elementos que podem compor possíveis enunciados sobre as docências lésbicas. Podemos citar o reconhecimento da orientação sexual destas professoras, bem como os efeitos da lesbofobia em suas trajetórias, algo de grande importância. A análise das pesquisas possibilitou entender que há pequenas aberturas no espaço da docência, nas

relações entre professores, na tematização de alguns aspectos da sexualidade nos currículos escolares, ainda que seja um longo caminho a trilhar. Ademais, o material analisado poderá contribuir para o enfrentamento das discriminações, do preconceito e da violência contra professoras lésbicas nas escolas. Além de possibilitar a comparação da realidade com as legislações e políticas públicas atuais, de modo a viabilizar novas formulações, conforme as necessidades de mulheres lésbicas na sociedade e na educação.

Apesar da escassez de estudos sobre professoras lésbicas na educação, as pesquisas existentes revelam que suas vivências se relacionam com suas práticas pedagógicas. Elas desenvolvem saberes docentes específicos e utilizam o currículo oculto para abordar gênero e sexualidade. A presença e o reconhecimento dessas professoras como mulheres lésbicas desafiam a invisibilidade e a heteronormatividade no ambiente escolar. No entanto, é importante considerar as diversas estratégias de visibilidade lésbica e a lacuna na formação acadêmica sobre gênero e sexualidade. Nesse contexto, os conhecimentos produzidos pelas lutas sociais do movimento de mulheres lésbicas podem ser valiosos. A pedagogia de resistência, construída a partir das experiências e identidades dessas professoras, busca transformar o currículo e promover a diversidade. A partir desses elementos, podemos definir as docências lésbicas como práticas político-pedagógicas que questionam a heteronormatividade, combatem a lesbofobia e o lesbo-ódio, e promovem o reconhecimento lésbico diante de si mesmo, do outro e do coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, p. e82528, 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. **DECRETO Nº 11.471**, de 6 de abril de 2023. Institui o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras. Brasília, 2023a.

BRASIL. MDHC (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania). **Relatório da Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-Ódio**. Relatório apresentado pelo Grupo de Trabalho “Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-ódio”, instituído pela Portaria nº 374, de 28 de junho de 2023, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania da República Federativa do Brasil. Brasília, 2023b.

BRAGA, Keith Daiani da silva; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Lesbianidades e Educação: interrogando a produção acadêmica. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v. 25, n. 3, jul./set. 2018.

BONIN LIEBGOTT, Camila; WEISS, Raquel. Marcas de uma cultura lesbofóbica em narrativas de docentes lésbicas. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 284–310, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.11398. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11398>. Acesso em: 10 fev. 2025

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária: poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CARVALHO, Tatiana. **Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades. 12/04/2018**. Tese (Doutorado em Educação) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, Biblioteca Depositária: FEUSP.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, Identity Politics and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, 43, 1991.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FALQUET, Judith. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**. Ano VI, n.5, dez. 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. 12 ed., São Paulo: Edições Graal Ltda, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. 1a reimpressão. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p. 197-223, nov/2001.

FIORINI, Jessica Sampaio. **Educação sexual na escola: currículo e práticas [online]**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, 197 p. ISBN: 978-65-5954-006-8.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da; et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**. Brasília: ANPOCS, n.2, p. 223-224, 1983.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática**. Tradução Bhuvi Libânio. Ed. Elefanta, 2020

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

LBL, **Liga Brasileira de Lésbicas** (s/d), <<https://lbnacional.wordpress.com/>>

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stphanie Borges. 1. Ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17–23, maio 2008.

MACIEL, Patrícia Daniela; GARCIA, Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230022, 2018.

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e Professoras: Modos de viver o Gênero na Docência**. 2014. 178f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MACIEL, Patrícia Daniela. Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir o gênero na docência. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 254–274, 2016. DOI: 10.9771/peri.v1i4.15433. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15433>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MEIRELES, Ariane Celestino. **Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. In: MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V. M. (Org.). Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: **Ministério da Educação**, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-48.

NASCIMENTO, Tainah Mota do; SILVA, Rodrigo Manuel Dias da. “Eu era tudo aquilo que não desejavam para uma professora”: docência negra e lésbica na Educação Básica. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–13, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19334>. Acesso em: 10 fev. 2025.

NASCIMENTO, Tainah Mota do. **Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios**. 02/03/2020 148 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo, 2020.

OLIVEIRA, Luana Farias. Quem tem medo de sapatão; Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964- 1985). **Revista Periódicus**. v. 1, n. 7. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694/14301>

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Natal, v. 4 n. 5, pag. 17-44, 2010. Acesso em: 27 jun. 2020

ROSENO, Camila dos Passos. **Trajetórias de professoras lésbicas na educação básica: saberes docentes como resistências**. 26/04/2022. Tese. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora, Biblioteca Depositária: UFJF.

SANTOS, Andressa Costa dos. “**Tudo aquilo que sou perpassa a minha existência enquanto mulher e lésbica**”: narrativas de professoras lésbicas das instituições de ensino superior do Amapá. 06/08/2020. 123 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, Macapá. Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ.

SANTOS, Gersier Ribeiro dos. **Escrevivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades**. Orientadora: Zuleide Paiva da Silva. 2022. 134f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, Campus XIV, Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2022.

SILVA, Zuleide. “**Sapatão não é bagunça**”: estudo das organizações lésbicas da Bahia. Tese (Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento). Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Salvador: 2016, 383 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Tatiana. Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 77–90, 2020. DOI: 10.31639/rbpf.v12i24.336. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/336>. Acesso em: 10 fev. 2025.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. 2. ed. Barcelona: Egales, [1981] 2010.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 1^a ed. São Paulo: Lafonte, 2020.

ANEXO 1

Artigos, dissertações e teses entre o período de 2012 a 2022

N	LOCAL	ANO	TÍTULO	AUTORIA	RESUMO
1	Periódicos CAPES	2016	Os desafios de ser professora e lésbica nas escolas: a arte de viver e produzir o gênero na docência	Patrícia Daniela Maciel	O artigo explora a produção de gênero no magistério a partir dos depoimentos de sete professoras lésbicas que atuaram na educação básica.
2	Periódicos CAPES - SCIELO	2018	A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo	Patrícia Daniela Maciel/ Maria Manuela Alves Garcia	O artigo analisa o relato autobiográfico de sete mulheres, professoras e lésbicas discutindo a partir dos discursos de gênero como elas produzem a docência e o currículo.
3	Periódicos CAPES	2020	Marcas de uma cultura lesbofóbica em narrativas de docentes lésbicas	Camila Bonin Liebgott Raquel Weiss	O artigo avalia como, no espaço escolar, fomenta-se ou contesta-se a lesbofobia a partir de narrativas de professoras lésbicas.
4	Periódicos CAPES	2020	Formação e prática docente: sobre a visibilidade das professoras lésbicas	Cláudia Vianna /Tatiana Carvalho	O artigo traz reflexões de uma pesquisa qualitativa sobre professoras lésbicas na educação básica, quais os distintos significados de ser uma professora lésbica na escola, tendo em vista o tabu que isso representa.

5	Periódicos CAPES	2020	“Eu era tudo aquilo que não desejavam para uma professora”: docência negra e lésbica na Educação Básica	Rodrigo Manoel Dias da Silva/ Tainah Mota do Nascimento	O artigo analisa a trajetória de uma professora negra lésbica no sul do Brasil que atua no ensino público no intuito de refletir a respeito da invisibilidade no espaço escolar.
6	Periódicos CAPES - SCIELO	2021	Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na pesquisa em Educação	Daniela Auad	O artigo, a partir da memória como fio condutor, se coloca como um lugar de diálogo entre estudos no campo da educação, gênero, feminismo e lesbianidade.
7	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES_ Repositório UFES	2012	Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola : notas sobre a cidade de Vitória	Ariane Celestino Meirelles	O trabalho investiga a dinâmica do debate sobre sexualidade, homofobia e temas relacionados nas escolas da Prefeitura Municipal de Vitória, a partir de depoimentos de professoras lésbicas e bissexuais que atuam na educação básica.
8	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES_ Repositório	2014	Lesbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência	Patrícia Daniela Maciel	A tese tem como objetivo principal investigar como, a partir dos discursos de gênero e dos dispositivos de sexualidade, as professoras lésbicas foram subjetivadas ao ponto de produzirem

	io Institucio nal UFPEL				modos particulares de viver a docência.
9	Catálogo de Teses e Dissertaç ões da CAPES_ Repositór io Jesuita UNISOS	2020	Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios	Tainah Mota do Nasciment o	A dissertação analisa as trajetórias de professoras negras lésbicas do sul do Brasil atuantes no ensino público e sua invisibilidade no espaço educacional. O estudo problematiza as estratégias e recursos de sobrevivência construídos pelas professoras negras lésbicas.
10	Catálogo de Teses e Dissertaç ões da CAPES_ Repositór io UNIFAP	2020	“Tudo aquilo que sou perpassa a minha existência enquanto mulher e lesbica’’: Narrativas de professoras lésbicas das Instituições de Ensino Superior do Amapá	Andressa Costa dos Santos	A dissertação tece uma discussão acerca dos estudos de gênero, do percurso da sexualidade, construções históricas e sociais, refletindo a complexidade do processo de formação do sujeito político mulheres. lésbicas e sua atuação. docente.
11	Catálogo de Teses e Dissertaç ões da CAPES_ Repositór io	2020	Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades	Tatiana Carvalho de Freitas	O objetivo desta tese é compreender os distintos significados do que é ser uma professora lésbica na escola. A pesquisa é de natureza qualitativa e de perspectiva

	Repositório USP				sociológica que dialoga com estudos nacionais e internacionais sobre gênero, sexualidade e heteronormatividade.
12	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES_ Repositório UNEB (dissertação))	2022	Escrevivências de professoras-negras-lésbicas: práticas educativas e produções de intelectualidades.	Gersier Ribeiro dos Santos	A dissertação tem como intuito discorrer sobre técnicas e experiências docentes de professoras-negras-lésbicas na universidade e na educação básica sobre suas inferências e ações no campo acadêmico, intelectual e produtor de saber.
13	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES_ Repositório UESB	2022	“Eu demarco mesmo”: professoras lésbicas e práticas docentes de desobediência epistêmica no ensino superior.	Mayana Esther Morbeck Mota Coelho	A dissertação investiga como professoras autodeclaradas lésbicas estão produzindo conhecimentos e saberes dissidentes a partir de epistemologias. descoloniais, lesbofeministas, queer e de gênero nas relações de ensino e aprendizagem no ensino superior.
14	Catálogo de Teses e Dissertações da	2022	Trajetórias de professoras lésbicas na educação básica: saberes docentes como resistências	Camila dos Passos Roseno	A tese tem como objetivo conhecer como os saberes e identidade docente são constituídos pela lesbianidade de professoras da educação

	CAPES_ Repositório UFJF (tese)				básica.
--	--------------------------------------	--	--	--	---------

Fonte: levantamento da autora, 2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A524p Amorim, Nayara Rezende Silva.
Professoras lésbicas na educação [manuscrito]: pesquisas e debates produzidos no contexto brasileiro. / Nayara Rezende Silva Amorim. - 2025.
40 f.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Torres Torres.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Homofobia. 2. Professoras lésbicas. 3. Visibilidade - Lésbicas. I. Torres, Marco Antonio Torres. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.01/.09

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044